

"JOSÉ WASTH"

Oswald de Andrade

É, como o nome o indica, uma mistura engenhosa de caipira e de inglês, contemplativo, pois por dupla marca, quietarrão e prático.

É pintor, expõe, tem a atenção entusiástica de Monteiro Lobato nas folhas e a de outros pintores, outros artistas e outra gente que entende e que não entende, por cafés, ruas, salas.

Esteve em Paris, foi aí o melhor pensionista de nosso Estado. Em meio da agitada vida de lá, enquanto outros patuscavam com "grisettes" tontas, ele furava o "salon".

Voltou, foi a Pirapora, donde saíra, já anos vão, a sua longa figura de seminarista sem batina, para a direção de Paris. E, ali, à sombra tutelar do colégio onde estudara, assentou banquinho e cavalete na lama dos caminhos, fez na tela madrugadas roxas e tardes robustas e foi mordido por todos os carrapatos da zona.

Abriu, enfim, a sua exposição e parece que vai triunfando com a aprovação de todas as cabeças que olharam e que não olharam.

De fato, José Wasth merece bem essas afirmações contestes da sua superioridade de pintor.

Ele é nosso e é também de Paris — disse-o o "salon" — é, pois, artista antes de tudo, depois artista brasileiro, o que não deixa de lhe acrescentar originalidade geográfica e importância para nós.

Estou de acordo com o meu belo amigo Monteiro Lobato nesse ponto de assistir com o mesmo olho "navrado" (galicismo consciente) ao naufrágio de canoa dos impessoalinhos que o governo manda às vezes estudar pintura na Europa.

Estou tão de acordo que, já numa crônica das que publicava em 1914, no *Pirralho*, escrevi isto:

"É natural, no entanto, que se desviem desse caminho (aberto por Almeida Júnior) os nossos moços, que, cheios dum sonho confuso de Arte com maiúscula, desembarcam uma manhã numa gare rumorosa de Paris, para estudar por conta do governo.

Vêm a princípio as sugestões da vida de redor, os passeios desconfiados para conhecer a cidade, todo o romance da escolha de um

'atelier' envidraçado, com porteiras patuscas e galantes meninas por personagens, enfim, a primeira crise romântica de se sentir artista, influenciando muito a vastidão do quarto boêmio, o aparelho todo do 'métier' e o cheiro da terebentina.

Depois inicia-se a vida de trabalho necessário para corresponder à confiança da mesada. Vêm então as primeiras camaradagens de 'quartier' e de academia, a comovida escolha do primeiro modelo, a primeira 'pose'...

E segue-se todo um natural entusiasmo pela arte de lá, pelo meio de lá, pela vida de lá, pela paisagem de lá.

De modo tal que se dissolve quase geralmente o que podia haver de personalidade nossa no tipo.

E quando nos volta ele, não é raro 'se dégoûter' da nossa pobre vida burguesa e financeira e do nosso pudor, cuja aparência de rispidez herda dos primeiros jesuítas coloniais.

Diante da paisagem, o nosso homem choca-se então positivamente:

— Oh! Isto não é paisagem! Que horror, olhe aquele maço de coqueiros quebrando a linha do conjunto!

Não percebe ele da paisagem senão a noção polida e calma. E porque se impressionou nas suas vilegiaturas pela França, onde o contato secular da terra com o homem fez tudo cultivado, reduzido à expressão complacente, ajardinado por assim dizer, ei-lo tomando-se de pavor diante da nossa natureza tropical e virgem, que exprime luta, força desordenada, e vitória contra o mirrado inseto que a quer possuir."

Não gostei, porém, de ver Monteiro Lobato na sua nervosa e brilhante crítica do *Estado* concluir daí em exclusivismo nacionalista para necessidade redentora dos que nos voltam inteiros da viagem recreativa de estudos.

Pusemos de parte os "rates", os fracos e os mórbidos que fazem questão de ser na vida pelo menos um personagem de Dostoiévski e de quem muito bem diz Lobato, que são ["']épaves' sociais, boiantes na onda dos 'boulevards' como rolhas servidas".

Vamos a José Wasth que é um carimbado pela terra nativa, como se vê da saudade de Pirapora, que lhe dirigiu os passos ainda incertos dos quinze dias de transatlântico, após cinco anos de Europa, de novo para os caminhos vermelhos, por entre mato perfumado, que levam até ao Santuário admirável.

Passando pelas explosões românticas do artista — abrandadas sempre pelo calmo temperamento — e que vêm a ser, na exposição, os quadros nºs 1, 8, 9 e 26, dos quais notei a bela paisagem século XVIII, de nº 26, e o auto-retrato, nº 8, com um fundo procuradamente nacional, onde não faltam nem o caipira forçando, nem o sítio, nem o azulado distante das nossas antemanhãs de neblina, passando por essa espécie de contribuição fatal a quem começa, salta-nos primeiramente à vista toda uma série de quadros marcados pela observação da vida "tout

court", aqui, na Europa, em Pirapora, com o mesmo grande sentimento do real e do existente. São eles pedaços de vida parisiense e pedaços de vida nacional, retratos nossos e retratos europeus e se podem observar sob os nºs 33, 62, 11, 56, 2, 3, 6, 39, 60, 7 e 51.

Pare-se um pouco diante de 62, vida nacional, de 55, vida parisiense.

Que admirável harmonia de impressão obtida com contraste tão forte!

Um, 62, é um estudo verista do velho santuário miraculoso de Pirapora, com o grande tom colonial das nossas naves nuas e os adornos indígenas a salpicar cá e lá de vivacidades espevitadas. E, no grave recolhimento, as figuras dos bancos rezam — tão nossas e tão capazes de ser sentidas em Paris e Munique! Mas há ali a mesma alma religiosa que fará ajoelhar um bororó na catedral de Florença!

O de nº 55 é uma mulher apenas.

(E quantos não terão vivido deste apenas! diria o Conselheiro Acácio no melado do seu primeiro derriço, e quem sabe se o artista não acharia razão no Conselheiro?)

Uma mulher, mas atrás dessa perfeição de figura, onde fulge na máscara um vago sentimento de felicidade de modelo, quanta história! É toda uma aventura que nos leva num bater de pratos de mágica a Paris, à Paris dos carnavais barulhentos e coloridos, das aventuras imprevistas e rápidas, das iluminuras inesperadas da vida.

Mais dois estudos de interior, em perfeita disparidade de ambientes, mostram que o artista pessoal, formado na grande oficina dos centros cultos, é mais do que homem para resolver o problema estético da sua pátria e da sua raça, andem elas perdidas nos confins dos "mapas-múndi".

É assim que José Wasth pinta com segurança perfeita e independência rara o de nº 11, um casal parisiense na comodidade caseira do seu "appartement", e pinta também com as mesmas qualidades de vida e de verdade o de nº 7, uma menina indiscutivelmente brasileira, numa sala de jantar indiscutivelmente brasileira.

Perderá José Wasth por ter feito a pequena parisiense e o casal no interior europeu? Por acaso, tendo ele nascido aqui, será obrigado por isso a tomar a matéria-prima da sua arte apenas nos Malaquias de pés em leque e beijos caídos que se emborracham nas vendas das estradas?

Ainda na paisagem é tanto apreciável a arte do moço paulista exercida nas vilegiaturas de França como agora, na penosa viagem que fez com saís nos bolsos, de carro de boi, pelos absurdos barrancos das nossas estradas de rodagem.

Esta representa apenas, a mais, abnegação, quase heroísmo patriótico e um sério sofrimento muito louvável de convicção nacionalista. Mas, provem-me que vale mais aquela tarde virgem das nossas beiradas de rio, sob o nº 64, do que a paisagem culta que envolve e isola o trabalho do homem do arado, sob o nº 27.

Como arte! Mas arte é tudo o que preocupa e interessa como reprodução comovida, como canto alto, como expressão! A isso querer impor limites geográficos e alfândega intelectual, excluindo por exemplo, como faz o meu caro Monteiro Lobato, o nosso litoral civilizado da capacidade de dar obras nossas, só porque é realmente mais envernizado do que o bruto "hinterland" e tem os seus hábitos certos de comodidade e bom gosto!

José Wasth, como qualquer outro — já que o aspiraram com êxito, por exemplo, em literatura, o cubano Heredia, o grego Moréas e há muitos séculos o sírio de Samósata —, pode desejar ser um artista humano, sem perder com isso direitos, regalias e benefícios de cidadão brasileiro. Honra apenas a mais para a nossa gloriosa República sul-americana.